



4º Domingo na Quaresma (06/03/2005)

Primeira leitura (Antigo Testamento):

I Samuel 16.1-13

No relato da escolha e unção de Davi, salta aos olhos o discernimento que Iahweh concede a Samuel. Fortes e valentes guerreiros foram apresentados a Samuel, mas a escolha de Deus caiu sobre o mais improvável, “o menor” que estava cuidando do rebanho. A utilização desse texto na liturgia auxilia na compreensão do evangelho, em que se relata que Jesus abre os olhos do cego e concede discernimento. O eixo central da perícopé é o versículo 7: “não te impressione a aparência ou a estatura... Deus não vê como o homem vê, porque o homem leva em conta a aparência, mas Iahweh olha o coração”. (Rev. Carlos Eduardo B. Calvani).

Epístola: Efésios 5.8-14

O texto nos fala no contraste entre a vida sob o domínio da morte e do pecado (trevas) e sua transferência para o domínio da vida e alegria (luz). O verso 8 destaca a passagem de um domínio para o outro como fato consumado, **outrora e agora**.

A base teológica da exortação para a caminhada como filhos da luz (vs. 8), imitadores de Deus (vs. 1), em amor, e para o discernimento do que é agradável a Deus (vs. 10) é: Cristo nos amou e se entregou a si mesmo como oferta e sacrifício em aroma suave (vs. 2). O lado oposto da direção central da vida é a resistência e denúncia das “trevas”. Aqui há alguma coisa a ver não só com os votos batismais, mas também com a imagística batismal. Deixar as trevas para trás e aceitar a luz e ser a luz, em virtude da participação na morte e ressurreição de Cristo.

O encorajamento que vem de Deus significa que ninguém é abandonado. Deus está com a pessoa e a capacita e Ele se torna recurso necessário para andar na luz. É importante perceber que essa questão de denúncia, de não ter ligação com os que são das trevas, tem um potencial de divisão. Por isso, é bom sempre olhar para os versos: imitadores de Deus em Cristo... E andar na luz é andar em amor. A metáfora da luz é vida e alegria. Não se tem alegria com “fanatismo”. Luz implica em reunir. Neste sentido é bom sempre examinar o texto do Sermão do Monte. Jesus nunca disse que cada um de nós seria uma luz do mundo. Ao contrário, vocês, uma pluralidade - hoje muito mais conscientes das diferenças - são a luz do mundo e nunca luzes do mundo. Como também o apóstolo disse que somos o templo de Deus e nunca que cada um de nós é o templo de Deus.

A seleção do texto termina exortando a Igreja de Éfeso a assumir a nova condição e se deixe iluminar por Cristo e Nele viver. A leitura do Antigo Testamento nos sugere discernimento, o abrir os olhos, a epístola, o amor como a luz da vida e a importância do discernimento. Assim, as duas leituras têm sua ligação com o Evangelho. (Dom Sumio Takatsu)

Santo Evangelho: João 9.1-13 (14-27), 28-38

1º. comentário:



O texto deste domingo, tal como os anteriores, está na mesma perspectiva da preparação (catequese) para o batismo a ser realizado na Páscoa.

O cego é figura do povo reduzido à impotência e privado de sua real condição humana pela opressão que os dirigentes da sociedade exercem. “Abrir os olhos aos cegos” é frase que relaciona a atividade de Jesus com a missão libertadora do Servo de Deus (Is 42.6; 49.9).

Mas no episódio de João 9 também encontra-se com grande frequência o verbo “nascer” (vs. 2, 19,20,32,34). Isso o coloca em relação com Nicodemos (João 3). Despertado o seu anelo por vida plena, Jesus convida o cego a lavar-se na piscina do Enviado, onde a água é o Espírito. Ele recupera sua identidade própria (9.9 – “sou eu!”), o que o torna independente no testemunho em relação ao julgamento dos dirigentes. A perícopes também está em relação com a declaração anterior de Jesus: “eu sou a luz do mundo” (Jo 8.12).

A realidade do mal é algo que nos aflige e inquieta. Diante do sofrimento, sempre tentamos buscar explicações para sua origem e causa. Os judeus criaram teologias para explicar o mal que acomete os seres humanos. Uma delas era a teologia da retribuição, segundo a qual, Deus retribuía os pecados e as maldades das pessoas, enviando-lhes dor e sofrimento. Elaboraram também a teologia da maldição, segundo a qual, Deus castigava os pecados dos pais nos filhos durante várias gerações. Havia até mesmo um provérbio que dizia: “os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos é que se embotaram” (Ezequiel 18.2).

No episódio de João 9, os próprios discípulos tentaram enquadrar Jesus nessa lógica: “Quem pecou para que o homem nascesse cego – ele ou seus pais?”. Na pergunta estavam implícitas as duas teologias: a da retribuição (“ele pecou”) e a da maldição (“seus pais pecaram”). Jesus é desafiado para que posicione em relação a essas duas explicações. Na verdade só lhe dão duas opções: “ele ou seus pais?”. Com qual das duas Jesus iria concordar?

Jesus, porém, não se contentou com nenhuma das duas opções simplistas que lhe deram porque ambas buscavam apenas “explicar” o mal e o sofrimento. As explicações davam àqueles que não sofriam, a segurança de que não terem cometido pecado e, ao mesmo tempo, distinguia qualitativamente os “puros” dos “impuros”. Marx, analisando as contradições da história, dizia: “muitos já se ocuparam em explicar a história; cabe-nos agora transformá-la”. Foi exatamente essa a nova alternativa apresentada na resposta de Jesus: “nem ele nem seus pais pecaram; mas ele está cego para que nele se manifeste o poder de Deus”. Ou seja, não basta explicar o sofrimento. O mal não está aí simplesmente para ser entendido, mas para ser enfrentado, vencido e superado. Jesus vê na cegueira, ocasião para que se manifeste naquele homem a atividade graciosa de Deus. Afirma que não é castigo divino sua situação, e que Deus não está indiferente ao mal, mas quer que o homem saia daquela condição e o ajuda para isso.

Também hoje tais teologias retributivas estão muito vivas na mentalidade e imaginário popular. Circulam em livros, púlpitos e programas religiosos de rádio e TV. Mas seguir a Jesus implica em não aceitar esse tipo de explicação simplista que só humilha ainda mais os que já sofrem. O mal e o sofrimento existem, sim. É impossível negar isso. Porém, não nos cabe perder tempo com explicações simplórias, mas encontrar formas de vencer o mal, minimizar o sofrimento e aliviar as dores das pessoas. Foi o que Jesus fez: simplesmente curou o cego.

O barro alude à criação do ser humano. Com o emprego do barro, Jesus reproduz simbolicamente a criação. Agora o ser humano é nova criação. Após esse ato, o cego tem que tomar uma decisão própria de lavar-se na piscina de Siloé. Essa não deve ser confundida com a



fonte que tinha o mesmo nome. A piscina situava-se fora da cidade e ali se faziam os banhos batismais dos prosélitos gentios, conforme J. Jeremias (Jerusalém no tempo de Jesus). Com respeito à salvação que traz, Jesus coloca o judeu no mesmo plano que o gentio. O nome da piscina é reinterpretado por João. O nome original, do aramaico siloah, significa emissão/envio (de água) ou (água) emitida/enviada. Com a explicação, João relaciona a água com Jesus, o enviado.

No verso 8 aparece a informação de que o cego era mendigo. Pedia esmolas assentado na rua. Ficava imóvel e dependente dos outros. Jesus, ao dar-lhe vista, dá-lhe também mobilidade e independência.

O interrogatório do cego evidencia o desconcerto dos adversários de Jesus, cujos princípios teológicos vacilam diante do ocorrido. Primeiro negam o milagre. Chegam a interrogar os pais do ex-cego pensando descobrir alguma fraude. Por fim, tentam impor sua autoridade doutrinal ao indivíduo, sugerindo-lhe que renegue a Cristo, mas ele resiste. Esse é um tema clássico da Quaresma: a resistência na fé diante das adversidades. Diante disso, expulsam-no da comunidade.

Pode-se estabelecer boa relação de tudo isso pode ser estabelecida com o texto de Efésios 5.14: “Desperta, ó tu que dormes, levanta-te dentre os mortos, e Cristo te iluminará” (Rev. Carlos Eduardo B. Calvani)

2º. comentário:

“Pior cego é aquele que não quer ver” – Esse ditado indica que existe uma cegueira que não é física, que há níveis da realidade que são claros e visíveis a algumas pessoas e não o são a outras. Geralmente os que vêem algo tão nitidamente costumam dizer de outros que não vêem: “como essa pessoa não enxerga tal coisa?” Trata-se de uma cegueira dos olhos da alma; uma cegueira espiritual. Esse também era o sentido da palavra “cego” em Israel no tempo de Jesus. A triste realidade da cegueira física servia como metáfora para indicar também uma cegueira espiritual - a falta de visão e sensibilidade.

Isso se evidencia em alguns trechos do Antigo Testamento. Isaías 56.10, por exemplo, ao falar dos dirigentes de Israel, o profeta diz: “os atalaias são cegos; nada percebem”; Isaías 59.10 - “Como cegos que andam apalpando um muro, também nós andamos às apalpadelas; tropeçamos ao meio-dia como se estivéssemos no crepúsculo”. O próprio Jesus, ao falar dos líderes judaicos de seu tempo, dizia: “são cegos guiando outros cegos”. Nos evangelhos aparecem vários episódios de cura de cegueira promovidos por Jesus. E em todos eles há essa conotação: eram sinais que Jesus fazia para exemplificar alguma realidade espiritual.

Assim como os cegos não enxergam; há pessoas que não enxergam fatos tão evidentes a outros; Assim como a situação de cegueira impõe limitações à vida, também há pessoas cuja vida é limitada e que precisam ser libertadas. Os cegos também representavam todos aqueles que estavam reduzidos à impotência e privados de sua real condição humana pela opressão que os dirigentes exercem. Por isso “das vistas aos cegos” é uma das frases que qualificam a missão libertadora de Cristo. E tal como cantamos no conhecido hino “A conversão” - “Ó que cego eu andei e perdido vaguei, muito longe do meu Salvador...”

No Evangelho de hoje, Jesus abre os olhos de um cego e isso causa grande problema aos líderes religiosos de seu tempo. O fato ocorre logo após o discurso do capítulo 8, em que Jesus afirma: “Eu sou a luz do mundo. Quem se me segue não andaré em trevas” (Jo 8.12). No vers. 8



aparece a informação de que o cego era mendigo. Pedia esmolas sentado. Ficava imóvel, dependente dos outros. Jesus, ao dar-lhe vista, deu-lhe também mobilidade e independência. Tirou-o da inércia. É também curioso observar as reações das pessoas: “É ele?” “Não! É alguém parecido”. E ele dizia: “Sou eu mesmo... podem acreditar”

O ex-cego foi levado aos fariseus, que, cétricos, chamaram seus pais e lhes perguntaram: “É mesmo o filho de vocês?” Os próprios pais não queriam se comprometer: “É ele mesmo. Nasceu cego e não sabemos como está vendo. Mas ele já é maior de idade. Ele que se explique”.

Segue-se um novo interrogatório. Os fariseus queriam que o cego declarasse que Jesus era um pecador porque o curara num sábado, desrespeitando a lei. A resposta do cego foi ótima. Ele não teorizou nem teologizou. Apenas apresentou um fato, com a simplicidade daqueles que não têm argumentos teóricos, mas apresentam uma experiência inquestionável: “Eu não sei quem ele era; se era pecador ou não; só sei de uma coisa - eu era cego e agora vejo”. Ele divide sua vida entre um antes e um depois. E o marco divisor desse “antes” e “depois” é o encontro com Cristo.

Mais tarde, ao reencontrar-se com Jesus, ouve suas palavras: “Para um discernimento é que vim a este mundo; para que os que não vêem, comecem a ver” (v.38). Aqui reside a chave de compreensão desse episódio: Cristo veio nos trazer discernimento das realidades espirituais. (Rev. Carlos Eduardo B. Calvani)